

## Conclusão

Isto e aquilo.  
Isto como degrau para aquilo.

Isto sem aquilo: alienação;  
Aquilo sem isto: frustração.

Com este trabalho pretendi lançar alguma luz sobre os estudos da ‘literatura de entretenimento’, no que concerne a sua conceituação, produção e recepção. Encarando-a numa perspectiva multidisciplinar, busquei demonstrar que o estudo desse objeto em nada diminui a “Literatura”; pelo contrário, a engrandece e a coloca em sintonia com a nova realidade onde o deslocamento dos referentes e a quebra dos paradigmas são irreversíveis.

Devemos ter em mente que a literatura foi a primeira forma absorvida pela cultura de massa, assim como assimilou elementos desta – basta citar a influência das linguagens jornalística e cinematográfica nessa narrativa em fins do século XIX e início do XX.

Ignorá-la ou excluí-la dos debates acadêmicos só vai retardar os benefícios já comprovados de sua aceitação dentro e fora dos muros intelectuais. Como deixou claro a pesquisa *Retrato da Leitura no Brasil*<sup>1</sup>, “ter momentos de distração e lazer” é o segundo motivo de quem busca os livros (23%). Esse é um dado que não pode ser ignorado. E nem condenado. Como argumenta Eco<sup>2</sup>

Do momento em que a presente situação de uma sociedade industrial torna ineliminável aquele tipo de relação comunicativa conhecido como conjunto dos meios de massa, qual a ação cultural possível a fim de permitir que esses meios de massa possam veicular valores culturais?

Claro está que uma ‘literatura de entretenimento’ sempre se guiará pelas leis da oferta e da procura. Mas essa não é uma via de mão única. A partir do momento em que quem a procura detiver ferramentas que filtrem suas escolhas, as leis de mercado terão que se ajustar a essas escolhas. Isso não significa que o mer-

---

<sup>1</sup> *Retrato da leitura no Brasil*, p. 17.

<sup>2</sup> ECO, *Apocalípticos e Integrados*, p. 29.

cado editorial já não coloque à disposição do público ‘literatura de boa qualidade’. Os clássicos estão aí, eles mesmos, contudo, sendo submetidos a ajustes mercadológicos (capas atraentes, relançamentos, melhor apresentação gráfica etc.).

O relacionamento do público com a literatura e da literatura com o público deve partir de uma proposta que repercuta na emancipação de ambos – literatura e leitor. Esse foi o rumo que seguiu todo este trabalho, desde a defesa da ‘teoria do degrau’ até a reflexão sobre métodos e alternativas para a crise da leitura passando pela produção livreira nacional. Nesse percurso ficou latente a necessidade da ação conjunta dos setores envolvidos direta – governo, indústria, escola – e indiretamente com essas questões para que as iniciativas não se percam por falta de integração e de comprometimento.

É preciso também descentralizar as relações comerciais e de produção do livro no país. Excetuando-se a região Sul, que implantou um mercado livreiro auto-suficiente em todos os níveis, as demais gravitam em torno de São Paulo e Rio de Janeiro, tanto em termos operacionais quanto em termos intelectuais. É raro ver publicado o livro de um autor que não tenha nascido, ou que pelo menos habite, no Rio de Janeiro, São Paulo ou Minas Gerais. Uma das conseqüências desse regionalismo é a homogeneização em direção a um determinado tipo de literatura, que não reflete nossa riqueza narrativa e ficcional.

Transformar a demanda pelo livro em insaciável requer uma identificação do leitor com seu objeto. Para isso é fundamental que a leitura se constitua como produtora social de sentido sem que, porém, se perca de vista as variadas possibilidades desse pacto literário.

Que se perpetuem, na modernidade, os clássicos e o prazer de sua leitura; que se considere a hipótese de que o popular venha a tornar-se clássico e que tanto clássicos como populares sejam produzidos e veiculados pelos mecanismos de gerenciamento massivos. Que se considere também a possível convivência, no mundo moderno, de variados prazeres que podem ser saciados pela fruição estética e pelas sensações excessivas. Ambas conduzem a experiências quase únicas: transcendências, imanências; pavor, medo, choro, riso.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Silvia Helena Simões Borelli. *Ação, suspense, emoção*, p. 52.

Por fim, o principal objeto de atenção de qualquer programa de incentivo à leitura deve ser o leitor, e não somente o livro. Fazer com que o livro seja lido, pensado, digerido e que, como resultado dessa digestão, se processe uma transformação da perspectiva interior e exterior desse leitor. Nas escolas, além da renovação na prática pedagógica referente à leitura, se faz necessária uma reformulação física e ‘espiritual’ em suas bibliotecas, tornando-as um local onde os alunos ‘queiram estar’ e não ‘sejam obrigados a estar’.